

## HEGEMONIA E CIDADES

CLAUDIO NASCIMENTO

"Brasília é muito mais que urbanismo,  
é uma hipótese de reconstrução de todo um país".  
( Mario Pedrosa )

Nos últimos anos , as experiências de “Democratizar a Democracia.Os caminhos da democracia participativa” (para tomar emprestado o título da obra coletiva coordenada por Boaventura Santos) , têm dado a tônica nos debates sobre a questão Estado-Sociedade Civil, Cidadania e Cultura.

A vitória de Luiz Inácio LULA da Silva,nas eleições de 2002 assinalam um campo de possibilidades de esperanças e de frustrações na perspectiva de construção de um “Projeto Nacional” Desenvolvimento,pela primeira vez no país,com caráter democrático, inclusivo e soberano. Esta conjuntura traz a marca de um mundo marcado pela globalização financeira.

As mutações globais e a reestruturação informatizada,em curso nos últimos anos, causam impactos profundos em dois âmbitos fundamentais das sociedades modernas:

- 1) No campo dos Mundos do Trabalho
- 2) No campo do Estado-Nacional

Ao nível sindical ,o primeiro aspecto se insere no debate sobre a reestruturação produtiva,novo paradigma da produção,pos-fordismo,no qual a CUT tem um acúmulo significativo em termos de Resoluções,práticas e formação.Entretanto,no segundo campo,nos faltam análises mais abrangentes no que diz respeito a questão nacional ,a questão do território,das cidades.O que Milton Santos chama de "sistema técnico informacional".

O primeiro campo foi objeto de uma ação sindical de resistência durante anos.E,esta ação de resistência,talvez a única possível no momento,não nos permitiu avançar ,tal qual seria necessário para construção de uma hegemonia alternativa, na formulação de propostas em relação ao projeto alternativo nacional.Quanto ao poder local-cidades,o campo democrático-popular tem uma longa experiência nas Administrações Populares desde a década de 80.

A partir de 1996,a CNM-CUT iniciou a nível mais amplo e sistemático um trabalho no campo da "qualificação profissional",inserido numa visão ampliada da questão do desemprego e da ação sindical.Esta ação possibilitou uma extensão da praxis sindical ao nível territorial.Por paradoxal que possa ser,são as estruturas verticais que estão horizontalizando a CUT a nível da sociedade. Neste sentido, a criação da ADS-CUT e, da UNISOL,levaram a fundação de uma Organização de nível superior em 2004 (Central Cooperativas da CUT).

Em 1998, as ações desenvolvidas nos 23 núcleos do Programa ÍNTEGRAR'-São Paulo, da CNM-CUT, realizavam-se nas 19 cidades onde estão implantados os núcleos de trabalhadores desempregados. Estas ações se dão a nível do espaço local e, na construção de alianças com movimentos sociais e com a Administração local. Abre um amplo espaço para uma ação sindical "ampliada", ou seja, uma construção de alianças do sindicalismo com a sociedade civil e política.

Poderíamos imaginar a amplitude desta ação se outras categorias desenvolverem programas do mesmo tipo nas mesmas cidades. Poderíamos ter ações articuladas entre núcleos na mesma cidade ou região. A perspectiva de programas de "formação profissional" dos Químicos (CNQ), Transportes (CNTT), Bancários, Professores, etc. podem concretizar estas aspirações. Seriam instrumentos importantes para o desenvolvimento local.

Estas ações se operam no campo que no Programa "ÍNTEGRAR", chamamos de políticas públicas em diversos âmbitos.

O que são, hoje, as cidades? Quais as mudanças de espaço e tempo a nível do território? Como uma prática de cidadania participativa interage com as políticas públicas a nível local?

Esta praxis nos levou a uma discussão sobre o "poder local"; as cidades, enfim, a autogestão do espaço social. No programa de formação política com cerca de 50 professores do "Integrar" refletimos textos de Milton Santos sobre globalização, cidades, espaço, etc e, textos de Ladislav Dawbor sobre o poder local.

Neste texto buscamos recuperar estas questões, inserindo-as em outras dimensões, utilizando contribuições de outros pensadores.

## **1. Um Marxismo "despacializado"**

Uma análise abrangente mostra que o marxismo em geral, e, em especial, o latino americano, porta graves lacunas no âmbito da reflexão sobre as cidades. Encontramos análises sobre o "espaço". Contudo, nota-se uma centralização na reflexão sobre "O Capital", e pouca reflexão sobre "A Capital".

Manuel Castells, ao estudar os movimentos sociais urbanos, afirma que pouco serve a matriz teórica do marxismo. Entretanto, H. Lefebvre analisando a "Ideologia Alemã" e os "Grundrisse" recuperou as contribuições de Marx-Engels mostrando que se limitam a relação entre campo e cidade enquanto características de modos de produção diferentes. Acrescenta a obra de Engels sobre as condições de vida dos trabalhadores de Manchester – Inglaterra, em 1845.

Contudo, como fazer frente a esse desafio de modo pleno... os marxistas têm respondido, em geral, reduzindo a cidade e o espaço à lógica do capital".

Atualmente se passa a repetição desse fenômeno: muita reflexão sobre "posfordismo", reestruturação produtiva e, muito pouca sobre a reestruturação do espaço, o novo papel das cidades.

Em "L'Espace de l'autogestion, le capital-la capital"(1978), Yvon Bourdet assinalou que Marx, ao admitir a necessidade conjuntural de uma ditadura provisória a partir de um centro, e portanto a heterogestão centralizada, teve como principal consequência o "esquecimento do espaço", ou, "uma concepção abstrata do espaço como res extensa, homogêneo, estruturável arbitrariamente segundo o desejo do poder político ou os critérios da exploração econômica". Ou seja, "um espaço abstrato, homogêneo, isotrópico, contínuo e ilimitado". Entretanto, o espaço em que os homens vivem e trabalham não é homogêneo, nem isotrópico, nem ilimitado.

A crítica de Bourdet a essa visão do espaço, nos lembra a crítica de Walter Benjamin ao tempo vazio, linear da Social-democracia alemã.

Para Bourdet, Marx não mostrou muito interesse pela "relação orgânica entre 'O Capital' e 'A Capital'". Este esquecimento tem algo a ver com a questão nacional. Esquecendo o espaço, também se esquece do "habitar" (afinal, o proletariado não tem pátria).

Bourdet, já na década de 70, assinala que "a complexidade crescente das telecomunicações elimina a função de centro e dá a quaisquer pontos da periferia as mesmas oportunidades de atingir qualquer ponto da rede. Neste domínio, as novas técnicas da informática introduzem uma verdadeira revolução no campo da gestão e essa revolução deve ser estudada a partir dos postulados da autogestão".

### **Autogestão e "reapropriação do espaço"**

Bourdet faz a crítica da heterogestão centralista e defende que a "reapropriação do espaço" implica o sistema político da autogestão generalizada, um "esforço de autogestão do espaço". O que nos leva de imediato a questão da autogestão social, da democracia direta e participativa a nível local, tal qual ocorre em cidades como POA, com instrumentos como o orçamento participativo e a ideia de "cidade constituinte".

Em "Marxism And The City", Ira Nelson Katz afirma que apenas nos anos 70, alguns pensadores marxistas se dedicaram a questão do espaço e do urbanismo. Algumas exceções, como Henry Lefebvre, existiram. Contudo, podemos assinalar que no Brasil, um socialista que amargou vários "sentimentos de exílio", refletiu profundamente sobre "A Capital".

Nos anos 50, de forte hegemonia "nacional-desenvolvimentista", Mario Pedrosa hegemonizou um grande debate nacional em torno da construção da nova capital do país. De se tratava? Urbanismo apenas? Não. O debate girava em torno da construção de um "projeto nacional", isto é, das propostas de reconstrução nacional-cultural em campo na disputa de hegemonia.

Com o esgotamento do projeto nacional-desenvolvimentista, nos anos 90, qual o papel das cidades na construção de uma contra-hegemonia, ou melhor falando, de uma hegemonia alternativa socialista?

O processo de globalização, com base na revolução tecnológica, trouxe alterações relativas ao papel das cidades, do local, do território, do espaço e do tempo?

A crise do Estado-Nação altera em alguns aspectos a questão do poder (ou dos poderes)? Quais os novos laços entre local-nacional-mundial? Como articular o local com o nacional?

Enfim, são muitas as questões que compõem o que podemos chamar de problemática de um novo projeto nacional alternativo.

Desde a década de 80, que as forças de esquerda hegemônicas pelo PT, têm ganhado eleições municipais, abrindo caminho para a construção de outras possibilidades de poder local.

O "Modo Petista de Governar" tem levado à construção de uma nova hegemonia?

Se pensarmos em POA, podemos dizer que sim. Entretanto, em relação a tantos anos de experiências, qual o acúmulo de forças construído pela esquerda neste nível?

Qual a relação das experiências de poder local com as possibilidades de reconstrução de um projeto nacional alternativo do campo democrático e popular?

Em "As Cidades como Atores Políticos", Castells e Jordi Borja tratam vários aspectos sobre a cidade no mundo contemporâneo.

"As cidades adquirem, cada dia mais, um forte protagonismo tanto na vida política como na vida econômica, social, cultural e nos meios de comunicação. Pode-se falar das cidades como atores sociais complexos e de múltiplas dimensões.

As cidades como atores sociais não se confundem com o governo local, porém, obviamente, incluem-no. A cidade torna-se ator social na medida em que realiza uma articulação entre administrações públicas (locais ou não), agentes econômicos públicos e privados, organizações sociais e cívicas, setores intelectuais e profissionais e meios de comunicação. Ou seja, entre, instituições políticas e sociedade civil.

Esta articulação se realiza através da ação coletiva e conjunta, que pode responder a formas e objetivos diversos:

1= a resistência ou o confronto com um agente externo (por exemplo, uma administração superior, uma multinacional, etc);

2= a definição de produtos nos quais estão interessados, na sua venda ou produção, diversos agentes urbanos (por exemplo, promoção turística, oferta cultural, sede de um organismo internacional, etc);

3= campanhas baseadas na cooperação público-privada (por exemplo, campanhas de segurança pública, imagem, reabilitação urbana, etc);

4= grandes projetos de desenvolvimento urbano vinculados a um evento ou derivados de um programa civico-politico com ampla base consensual;

5= mobilizacao socio-politica que encontra sua base principal na afirmacao da identidade coletiva ou na vontade de autonomia politica ( que se concretiza também em objetivos especialmente urbanos).

Nos ultimos anos,os signos do crescente protagonismo das cidades se multiplicaram..."

Analisando as cidades da America Latina, nossos autores concluem que "a nao-articulacao entre os atores urbanos que caracterizou a cidade latino-americana parece,assim,em vias de superação”.

Finalmente,a cidade,entendida nao somente como territorio que concentra um importante grupo humano e uma grande diversidade de atividades,mas tambem como um espaco simbiotico (poder politico-sociedade civil) e simbolico(que integra culturalmente,dá identidade coletiva a seus habitantes e tem valor de marca e dinamica com relacao ao exterior),converte-se num ambito de respostas possiveis aos propositos economicos,politicos e culturais de nossa epoca...

Esta reacao da cidade tende a se concentrar na definicao de um projeto de Futuro ou Plano Estrategico pactuado entre os principais atores publicos e privados...

A inovacao democratica é, provavelmente,o aspecto mais excitante do papel assumido,progressivamente,pelos governos locais.Accreditamos que esta obrigacao inovadora responde a tres propositos diferentes: a participacao dos cidadaos,a cooperaca social e a integracao de politicas urbanas.

Há,sem duvidas,uma crise das identidades coletivas e de participacao nas instituicoes representativas e nos partidos politicos.O ambito local (bairro,cidade,regiao) é um marco adequado na experimentacao e desenvolvimento de novas formulas eleitorais,de descentralizacao territorial e funcional,de participacao na gestao e execucao de programas publicos,etc.A democracia renovar-se-á a partir do principio de proximidade,complemento indispensavel das construcoes politicas supranacionais atualmente em curso".

### **A Catastrofe Urbana**

"O elevador é,na vertical,o equivalente do carro,que destruiu a cidade"( Paul Virilo)

O urbanista frances Paul Virilo afirma que a "grande questao ecologica atual é a cidade e nao a fauna ou a flora, pois as metropolis, hoje , sao "fenomenos de mutacao,catastrofes que se preparam; ao contrario dos Estados, sao as cidades que estao se "terceiro-mundializando",devido a sua densidade populacional,ao desemprego e a sua incapacidade de garantir a paz social e a democracia".

Para Virilo, a grande questão ecológica é a cidade, a construção da cidade dos homens, a democracia. A cidade deixou de ser um lugar de socialização para se tornar um lugar de dessocialização. A sociedade informacional significará o desemprego em massa, o fim do trabalho, da força do homem... uma sociedade que terá duas velocidades: formada por uma elite que viverá em "bunkers" e os miseráveis que vão atacá-la"

Nós assistimos a um declínio do Estado nacional, a uma desertificação das cidades menores em favor das metrópolis, que vão se tornando verdadeiras galáxias. Há uma terceiro-mundialização das cidades e não dos Estados

Virilo adverte que a técnica nos levará, no século 21, a oposição entre os sedentários e os nômades. Os sedentários são os que estão em casa, em qualquer lugar, no trem, na rua, com o laptop, o celular... Os nômades são os que não estão em casa, em lugar nenhum. É o indivíduo que vive no carro à procura de um emprego, vai de um ponto a outro colhendo o que pode, sem apartamento, sem poder se casar, etc.

Para Virilo, "O essencial é a cidade estar situada num lugar onde o fluxo de gente é importante, porque ela é um ponto de cruzamento de pessoas. A cidade moderna está em crise, tanto nos países desenvolvidos quanto nos subdesenvolvidos. O sítio conta à medida que for um cruzamento e tanto pode ser um porto, um desfiladeiro ou uma confluência de rios".

Perguntado se viveria em New York, respondeu"

"Não. A verticalidade me impediria. O elevador é, na vertical, o equivalente do carro, que destruiu a cidade. Existem hoje, no Japão, cidades de 2.000, 4.000 metros de altitude. Isso é Babel, é querer se emancipar do solo, da terra e da água".

Estas ideias nos lembram Milton Santos: "Nascer cidades e tornar-se lentamente metrópole e, em seguida, necrópole, segundo Lewis Mumford, seria o destino final da evolução das grandes cidades europeias e norte-americanas. Podemos dizer que no Terceiro Mundo as cidades destinadas a ser grandes crescem rapidamente; e rapidamente se transformam em necrópoles, se já não nascem assim".

Em seu tempo, Mario Pedrosa protagonizou um amplo debate em torno de Brasília, enquanto símbolo de reconstrução do país. Por que não o fazer em relação a Porto Alegre ?

Nos últimos anos, vários movimentos sociais têm se "reapropriado", simbolicamente, das nossas cidades através de "guerra de movimento" (Gramsci). Nesta perspectiva, por que não tomar a "re-ocupação" de Brasília pelo MST como uma chamada a este debate sobre a reconstrução nacional?

**ESPACO PUBLICO E A POLITICA DEMOCRATICA SOCIALISTA\***

Nas décadas de 80 e 90, recentes houve um "revival" da ideia de cidadania, tanto ao nível do debate político quanto da reflexão filosófica sobre a política. Na Grã-Bretanha, o Partido Conservador avançou a ideia de uma "cidadania ativa e responsável" destacando a noção de "responsabilidade social". O líder do partido Liberal, Paddy Ashdown, sugeriu que a cidadania pode ser ampliada para abranger um campo de coisas como educação, saúde, bem-estar, bem como, obrigações e deveres de cada indivíduo com a comunidade. O Partido Trabalhista foi ganho pela ideia de cidadania e desenvolveu a ideia de um "enabling state". Na Itália, o Partido Comunista e os sindicatos falam de "direitos de cidadania" e os põem no centro de seus programas políticos.

Cidadania tornou-se um tema crucial no debate político na Europa e tem sido o centro de interpretações conflitantes em relação ao seu significado, objetivo e implicações políticas. A questão da cidadania é um foco do debate filosófico sobre a natureza e os limites da concepção política do liberalismo democrático.

A ideia de cidadania participativa de Hannah Arendt pode ser muito relevante para a presente discussão. Sua concepção de política está baseada na ideia da cidadania ativa, isto é, no valor e na importância do engajamento cívico e na decisão coletiva sobre todas as matérias que afetam a comunidade política. A prática da cidadania é válida porque assegura a cada cidadão exercer seu/sua poder como sujeito/ator, de desenvolver suas capacidades de julgamento, e fazer com que as ações coletivas tenham eficácia política.

Nas páginas que seguem, vamos reconstruir a concepção de cidadania de H. Arendt em torno de três temas principais:

1. A esfera pública;
2. Ator político e identidade coletiva;
3. Cultura política.

## **CIDADANIA E ESFERA PÚBLICA**

Através de seus escritos, H. Arendt pretende articular a questão da cidadania através da constituição de espaços públicos de ação e deliberação políticas. Para Arendt, a esfera pública refere-se a esfera do mundo da aparência/visibilidade em que os cidadãos interagem por meio da fala e da persuasão, descobrem suas identidades individuais e decidem através da deliberação coletiva sobre temas de interesse comum.

Esta esfera pública da aparência só pode ser constituída se nos participarmos de um mundo comum de coisas criadas pelo Homem, instituições e normas, que nos separam da natureza e prova uma permanência relativa ou um contexto durável de nossas atividades. A constituição de espaços públicos de ação e discurso político depende, contudo, da existência de um mundo comum e da criação de numerosas esferas de aparência em que indivíduos podem descobrir suas identidades e estabelecer relações de reciprocidade e solidariedade.

A concepção arendtiana da esfera pública, da esfera na qual a atividade da cidadania pode florescer, tem, todavia, dois significados, e ambos se referem ao espaço de aparência e ao mundo que temos em comum. Sobre o primeiro significado, o reino público é o espaço em que tudo que aparece "pode ser visto e sentido por todos e tem, a maior publicidade possível.

Com este espaço de aparência, contudo, experiências podem ser estabelecidas, ações avaliadas e identidades descobertas.

Em suma, o reino público como um espaço de aparência prove a luz e a publicidade que são necessárias para o estabelecimento de nossas identidades públicas, pelo reconhecimento de uma realidade comum, e pelo reconhecimento das ações dos outros.

O espaço da aparência deve sempre ser continuamente recriado pela ação; sua existência é assegurada quando atores estão juntos para o objetivo de debater e deliberar sobre matérias de interesse público, e que desaparecem no momento em que estas atividades cessam. Ele é, todavia, sempre um espaço potencial, que busca sua atualização em ações e falas de indivíduos que têm em comum decisões para tomar.

O segundo significado que Arendt dá ao reino público é o mundo, ou mais precisamente, o mundo que nós temos em comum. Neste mundo nós distinguimos do nosso mundo privado. Ele não é idêntico à terra ou à natureza. É o artefato humano, a produção de mãos humanas.

É atributo e virtude do mundo comum: a capacidade das instituições e produtos humanos de durar através do tempo e tornar-se a herança comum a gerações sucessivas, que o homem transcende sua existência. A construção de um mundo comum estável que permite ao ser humano lembrar e antecipar.

A mortalidade humana pode ser, parcialmente, transcendida pela durabilidade do mundo e da memória pública dos mortos.

## **O REINO PÚBLICO: TRÊS ASPECTOS**

Vejamos, agora, os 3 aspectos ou perfis do reino público e da esfera da política que Arendt conectou com sua concepção de cidadania.

Para o objetivo de explorar a concepção arendtiana de cidadania, há três perfis do reino público político identificados por M. CANOVAN que vale salientar:

1. a qualidade da política (artificial ou construída) e da vida pública em geral;
2. sua qualidade espacial;
3. a distinção entre interesse público e privado.

### **1. A ARTIFICIALIDADE DA VIDA PÚBLICA**

A artificialidade da vida pública e da atividade política em geral, deve-se ao fato que elas são produtos do homem, não são elementos naturais dados.

Esta artificialidade deve ser celebrada e não deplorada. A política não é o resultado de uma predisposição natural, ou a realização de traços inerentes à natureza humana. Ao



contrário, é uma obra cultural de primeira ordem, tornando os indivíduos aptos para transcenderem as necessidades da vida e para moldarem um mundo em que a ação política livre e o discurso possam florescer.

Igualdade política não é um atributo natural, não advém de uma teoria dos direitos naturais. É um atributo artificial que os indivíduos adquirem participando do reino público e que é assegurado pelas instituições políticas democráticas. Igualdade política e o reconhecimento de alguns direitos (que Arendt chama de "um direito a ter direitos") só podem ser assegurados por solidariedade e comunhão em uma comunidade política democrática.

Para H. Arendt, participação política é importante porque permite o estabelecimento de relações de civilidade e solidariedade entre cidadãos.

## **2.A QUALIDADE ESPACIAL DA VIDA PÚBLICA**

Atividades políticas são localizadas em um espaço público onde cidadãos são capazes de trocar suas opiniões e debaterem suas diferenças, buscando soluções coletivas para seus problemas. Política, neste sentido, é matéria de participação popular em um mundo comum e num espaço comum de aparências...

Política não é a coleção de indivíduos privados que votam separadamente e anonimamente consentem em suas opiniões privadas. Ao contrário, estes indivíduos devem ser capazes de ver e falar em público, por no espaço público suas diferenças e pontos comuns e tornarem-se sujeitos do debate democrático.

H. Arendt destrói o termo "opinião pública"... Em sua visão, opinião representativa surge somente quando cidadãos confrontam-se no espaço público. Opiniões políticas nunca podem se formar em privado. Ao contrário, elas são formadas, testadas e ampliadas apenas no contexto público da argumentação e debate.

Outra implicação da ênfase de Arendt na qualidade da política espacial está na questão de como a coleção de indivíduos distintos pode adquirir unidade para formar uma comunidade política. Para Arendt, a unidade que pode ser talhada numa comunidade política não é o resultado da religião ou de afinidade étnica, nem a expressão de algum sistema comum de valores. Antes, a unidade em questão pode ser alcançada pela participação do espaço público e nas instituições políticas, e engajando em políticas e atividades que são características deste espaço e destas instituições.

Uma quarta questão da concepção de Arendt é que a política como atividade pública, exige a participação no espaço público. Engajar-se ativamente na política significa participar em várias formas públicas onde as decisões tomadas afetam a comunidade.

## **3.INTERESSES PÚBLICOS E PRIVADOS**

A concepção da política arendtiana, tem sua base na distinção entre interesses públicos e privados. Para ela, atividade política não é um meio para um fim, mas, é um fim

em-si-mesma. Não nos engajamos na ação política simplesmente para promover nossos negócios, mas, para realizar os princípios intrínsecos à vida política: liberdade, igualdade, justiça, solidariedade, coragem e virtude.

Arendt discute as diferenças entre vida como indivíduo e vida como cidadão...

Nossos interesses públicos como cidadãos são distintos dos nossos interesses privados como indivíduos. Os interesses públicos não podem ser automaticamente derivados de nossos interesses privados: não é a soma dos interesses privados nem seu denominador comum, nem o total dos interesses próprios. De fato, o interesse público concerne ao mundo que liga além de nós mesmos, que estava antes de nosso nascimento e que continuará após nossa morte.

Os interesses do mundo não são os interesses dos indivíduos: eles são os interesses do reino público onde participam os cidadãos.

Exemplo: a desobediência civil nos EUA em 1968, na guerra do Vietnã. E, a luta pelos direitos civis dos negros, nos anos 60. A legitimidade desta desobediência civil era discutida em termos de exemplares casos de consciência, como os de Sócrates e Thoreau.

Para Arendt, estes exemplos e esta visão eram inadequadas para caracterizar as lutas e protestos dos anos 60, que eram motivadas não por elementos concernentes à integridade da consciência de cada um, mas, concernentes com as injustiças reinantes no mundo.

Os papéis da consciência são não-políticos, eles dizem respeito à própria integridade e não à integridade do mundo. Arendt cita o exemplo de Rosa Luxemburgo: "Ela estava mais preocupada com o mundo do que com ela própria". Ela se engajou na ação política porque "não aceitava a injustiça no mundo".

Em resumo, para Hanna Arendt, há uma clara distinção para ser feita entre o privado, stance não-político da consciência, e o público, stance político da atividade na comunidade política.

## **CIDADANIA, SUJEITO E IDENTIDADE COLETIVA**

A luz da direção anterior, vamos examinar a relação entre a concepção de cidadania arendtiana e as questões do sujeito político e identidade coletiva.

### **1. Cidadania e identidade coletiva**

Uma das cruciais questões do discurso político é a criação de uma identidade coletiva, um "NÓS" para o qual possam apelar face a problemas de decisão entre alternativas para ação.

Quando nos engajamos na ação/discurso políticos também nos engajamos na constituição de nossa identidade coletiva, na criação de um "Nós" com quem seremos capazes de identificar duplamente, nos mesmos e nossas ações. Este processo de identidade-

construção não está dado. Antes, ele é um processo de constante renegociação e luta, um processo em que atores articulam e defendem concepções de cultura e identidade política, e concepções que competem por legitimidade política.

Com este ponto de apoio, a concepção participativa de cidadania de Arendt, assume uma relevância particular, ao articular as condições de estabelecimento de identidades coletivas.

Cidadania é vista como um processo de decisões ativas sobre competências de identidades, sua validade reside na possibilidade de estabelecer formas de identidades coletivas que podem ser conhecidas, testadas e transformadas em um modelo discursivo e democrático.

As normas que governam as interações entre os grupos ou coletividades deveriam ser normas de intimidade como amor, preocupação. Seriam normas de solidariedade como expressões de práticas sociais não-universais. O valor da autonomia deveria ser formulado em termos que não iriam contra a solidariedade. A construção da autonomia deveria ser considerada como uma das condições necessárias para o estabelecimento da relação de igualdade, mutualidade e solidariedade.

A força na solidariedade mais que na preocupação ou a compaixão, antes o amor ou a simpatia, e a autonomia como pré-condição de solidariedade, expressam a concepção de cidadania de Arendt.

## **CIDADANIA E SUJEITO POLÍTICO**

Vejamos a relação entre ação política (como atividade de engajamento de cidadãos no reino público) e o exercício concreto do sujeito político.

Esta conexão é uma das principais contribuições de H. Arendt à teoria da ação, e depois o que chamamos de sua concepção participativa da cidadania.

Na opinião de Arendt, apenas a partilha do poder que vem do engajamento cívico e a decisão comum pode prover cada cidadão de um senso de sujeito político efetivo. Ela vê a representação como um substituto do envolvimento direto dos cidadãos... Quando a representação torna-se o substituto da democracia direta, os cidadãos podem exercer seu poder de sujeito político apenas nos dias de eleição, e suas capacidades de decisão e visões políticas são eliminadas.

Uma alternativa ao sistema de representação baseado na burocracia partidária e nos estamentos estatais, H. Arendt propõe um sistema federado de conselhos onde os cidadãos podem se engajar ativamente em vários níveis na determinação de seus negócios e problemas.

A relevância do objetivo de H. Arendt com a democracia direta está conectado com a relação entre cidadania ativa e sujeito político efetivo.

Só por meio da participação política direta, pelo engajamento na ação comum e na decisão pública, a cidadania pode ser reafirmada e o sujeito político efetivamente exercido. A concepção de democracia participativa de Arendt objetiva reativar a condição da cidadania ativa e auto-determinação democrática.

## **CIDADANIA E CULTURA POLITICA**

Vejamos a conexão entre a concepção de cidadania participativa e a constituição de uma política cultural ativa e democrática.

Em seu livro "ON REVOLUTION" e em dois ensaios de "BETWEEN PAST AND FUTURE", Arendt clama pela possibilidade de reativação da capacidade política de julgamento imparcial e responsável dependendo da criação do espaço público de decisão coletiva, em que os cidadãos testariam e ampliariam suas opiniões.

Quando um apropriado espaço público existe, as opiniões podem, de fato, ser testadas, ampliadas e transformadas através de um processo de debate democrático e de esclarecimento.

O debate democrático é crucial para a formação de opinião; indivíduos podem ter opiniões pessoais sobre vários temas, mas, eles só tomam forma de opiniões representativas quando ampliam seus pontos de partida para incorporarem aqueles dos outros.

A capacidade para formar opiniões válidas requer um espaço público onde indivíduos podem testar suas visões através de um processo de argumentação pública e no debate.

O cultivo de um pensamento ampliado politicamente requer a criação de instituições e práticas por onde a voz e a perspectiva dos outros, frequentemente desconhecida por nós, possam expressar-se com todos os seus direitos.

## **CONCLUSAO**

Os três temas tratados são altamente relevantes para a discussão atual sobre a natureza e o objetivo da cidadania democrática. A prática da cidadania depende, de fato, da reativação de uma esfera pública onde os indivíduos possam coletivamente engajar-se em deliberação comum sobre matérias que afetam a comunidade política.

Segundo, a prática da cidadania é essencial para a constituição de uma identidade pública baseada em valores de solidariedade, autonomia e no reconhecimento da diferença.

Cidadania participativa é algo essencial para a realização do sujeito político efetivo...

Finalmente, a prática da cidadania participativa é crucial para a ampliação da opinião política e o teste de cada julgamento, e representa a esse respeito, um elemento essencial na constituição de uma vibrante e democrática cultura política."

## A GESTÃO DAS CIDADES

Tarso Genro trouxe a público várias ideias sobre o "novo espaço público". Em artigo para o jornal Folha de São Paulo, (MAIS-9 junho 96), aponta 21 teses. Entre elas podemos destacar como centrais as Teses 11 e 12. A primeira define o papel primordial das cidades e, a segunda a questão do espaço público não-estatal.

a. "Os governos locais adquirem, com o processo de globalização econômica já realizado, uma nova dimensão política para a reconstituição do projeto socialista...

b. É nas cidades que a crise se torna mais potencialmente ameaçadora e ao mesmo tempo mais estimulante ao ponto de vista estratégico, para se pensar um novo projeto socialista...

c. Nas cidades surge um novo espaço público não-dependente do Estado — uma esfera pública não-estatal-auto-organizada... (Tese 11)

d. Os governos locais em cidades estratégicas podem e devem ser palco de experimentação política de alcance universal

e. O primeiro grande passo deste projeto será a luta pela hegemonia... (Tese 4)

f. Esta nova esfera pública não-estatal, que incide sobre o Estado com ou sem o suporte da representação política tradicional, é constituída por milhares de organizações locais, regionais, nacionais e internacionais, que promovem a auto-organização por interesses particulares (desde a atenção para doenças, luta pela habitação e pela terra até entidades de demandas tipicamente comunitárias etc) e podem ser mediadoras da ação política direta dos cidadãos por seus interesses, sob seu controle, sem amarrar-se no direito estatal que regula a representação política. (Tese 12)

g. O elemento central do poder público é a peça orçamentária... (Tese 18)

h. O trânsito da experiência particular-concreta dos governos locais para os níveis superiores de gestão do Estado... pode ser portadora de uma nova vida moral e de uma nova dimensão ético-política da sua praxis... (Tese 20)

i. É irrenunciável para os governos locais que se propuserem a este movimento, levar a disputa ao mais largo âmbito internacional... (Tese 21)

### **Constituintes= Cidades e Cidadania Ativa**

MÁRIO PEDROSA nos anos 80, em artigo intitulado "O Futuro do Povo", afirmava:

"O Brasil, voltado para si mesmo, para empreender a sua revolução moral, política e tecnológica, não se confinará a imitar como até este momento, as técnicas e ideias do capitalismo internacional. A revolução que deverá ser bandeira do PT não se limita aos velhos moldes do capitalismo das nossas classes dirigentes. Sua dinâmica é outra. Ela irá as diversas regiões do Brasil desprezadas e sufocadas pelo poder central de Brasília, que trata

desigualmente em estados da Federacao,e as chamará para constituirem-se em assembleias soberanas que levarao em seu tempo,a uma Constituinte verdadeiramente nacional,seus cadernos de reivindicacoes...

Tudo está assim a mudar pela raiz...A renovacao do Brasil pede novos metodos e uma acao politica nacional e democratica."

Neste texto,Mario Pedrosa parecia profetizar sobre as campanhas civicas que iriam surgir: a das diretas ja(1984) e,sobretudo,a da participacao popular na Constituinte,de 86 a 88.Inclusive,quando fala do "caderno de reivindicacoes",lembra-nos as " emendas populares".

A questao da Constituinte volta a cena em varias conjunturas.Em outubro de 1997,o deputado Miro Teixeira voltou a falar de um Congresso Revisor da Constituicao de 1988.Contudo,são raros os que defendem a proposta de um processo constituinte popular.

Em outro texto,"A Missao do PT",Pedrosa retoma e completa sua fala anterior:  
"O que se passa na realidade é que nos encontramos em face de um impasse burocratico total do Brasil.O quadro estrutural do estado brasileiro nao pode sobreviver;tem que ser alterado de alto a baixo para que de novo a Federacao reviva.E é desse impasse que temos que recomencar.E eis porque todas essas palavras de ordem de Assembleia Constituinte,com Joao ou sem Joao,nao funcionam nem estao na ordem do dia.De que se necessita é recomencar por baixo.a partir realmente da vocacao das regioes e dai sim iniciar um trabalho imenso de reconstrucao da nacao atraves de assembleias constituintes regionais que permitiriam ir ao encontro das necessidades fundamentais do povo que habita essas regioes.ir porem a busca da vocacao das regioes nao significa projetos grandiosos do Brasil potencia,mas significa dar precedencia aos povos que habitam essas regioes malfadadas para que eles entrem afinal na vida social e publica do Brasil contemporaneo...

Quando falamos em assembleias regionais,é para que os estados recobrem sua autonomia e os povos seus direitos democraticos fundamentais desta nacao até hoje incompleta que é a nacao brasileira.A grande tarefa e imediata do povo brasileiro é a organizacao dessas assembleias constituintes reginais,convocadas por partidos,que sobem de baixo,como o PT,é também uma tarefa essencial de outra instituicao fundamental do brasil de hoje,que é a Igreja dirigida por bispos,pastores e cardeais como Dom Paulo Evaristo Arns,Dom Helder Camara,Dom Tomas Balduino,Dom Valdir Calheiros e outros.Estes nao se podem negar a essa tarefa instrinsicamente primordial que é a de descobrir a vocacao das regioes,pois é nela que a vocacao do povo vem a tona.

O PT é o povo organizado.As CEBs da Igreja contém no seu seio grande parte deste povo.Nesta tarefa fundamental de chamar o povo das profundezas onde jaz,ao plano politico,que Dom Paulo me perdoe,mas esta é a missao mais autentica de sua Igreja no Brasil atual..."

Pedrosa associa-se a sensibilidade arendtiana do espaco publico da visibilidade.Segundo L.Boella , partindo de um certo "radicalismo populista de inspiracao luxemburgiana "e do sentimento de justica de Marx,Hanna Arendt "sente o impacto na

historia moderna da exploracao e da opressao,da necessidade de vastas massas,condenadas a invisibilidade da total sujeicao na "pena"do trabalho,de sair á luz,de conquistar uma relevancia no plano politico e social".

Voltemos a M.Pedrosa," Cabe já a essas assembleias constituintes regionais abrir o processo politico decisivo no Brasil.E poderia ser essa uma funcao conjunta do PT e das CEBs da Igreja,mesmo que ems eu inicio essas iniciativas nao tenham propriamente carater oficial.Basta que sejam populares e sejam legitimas,convocadas por essas respectivas instituicoes,que nao ferem,assim agindo,nenhum preceito constitucional.

Se essas assembleias sao assim regionais no seu inicio,nada impede que possam terminar num formidavel coroamento,numa Assembleia Nacional Constituinte..."

Nos anos 80 o processo constituinte , com os "comitês de participação popular",buscou dar vida a essa perspectiva.Os comites de participacao popular constituinte,as assembleias municipais realizadas(como em Guarulhos e Vila Velha,Sao Joao Meriti),a ideia de uma Assembleia Nacional Constituinte exclusiva,as emendas populares;tudo isso,tinha sintonia com a ideia pedrosiana de "vocacao das regioes",de luta pela construcao de uma esfera publica democratica,e da cidadania ativa.Enfim, da construção de uma hegemonia alternativa e,de um projeto nacional democrático-popular.

## **CIDADES SEM CIDADÃOS**

"As casas formam uma zona urbana, porém sao os cidadaos que fazem a cidade"(Rosseau)

Na decada de 90, falou-se muito em acumulacao flexivel,pos-fordismo,declinio da classe operaria e do movimento sindical.Contudo,pouco se analisou a questao do poder local,do papel estrategico das regioes e cidades,da questao territorial.

Não se trata de reificar uma visao oposta a de anos atras,(centrada no estatismo,no aspecto nacional),e que agora se centraria no "localismo".Trata-se de como articular o nacional e o local,desenvolver uma outra concepcao de espaco e de tempo.

O resultado das ultimas eleicoes municipais (1996),sobretudo para o PT,leva-nos a uma reflexao sobre o papel das cidades na construcao de uma hegemonia alternativa a globalizacao,e,mais precisamente ao neoliberalismo.

O processo constituinte defendido por Mario Pedrosa encontra sua vigencia e contemporaneidade a nivel local( regioa ou cidade).Por exemplo,o projeto de "cidade constituinte"em curso em Porto Alegre;aliado ao orcamento participativo e aos primeiros passos de uma economia solidaria e autogerida,constitui uma empirizacao das ideias que Pedrosa defendia no final dos anos 70.

O orcamento participativo,a partir de 16 conselhos populares,é o espaco publico de tomada de decisoes atraves de plenarias mobilizando milhares de pessoas e entidades.O

projeto "Cidade Constituinte" organizou 2 Congressos constituintes para planejar estrategicamente a cidade.

O globalismo em curso alterou profundamente algumas referencias. Por exemplo, a questao do local e o global, a questao do papel das cidades, do espaco e do tempo.

Neste sentido, a obra do geografo Milton Santos é uma contribuicao fundamental para pensarmos a construcao de um projeto alternativo nacional-cultural. Sobretudo, no que diz respeito as cidades do "terceiro mundo" e da "temporalidade" no espaco urbano.

As ideias de Santos portam afinidades profundas com as de Mario Pedrosa, em seus estudos sobre Brasilia e, no campo da estetica, com a questao do "nao-contemporaneo". Contudo, facamos um pequeno desvio, para voltarmos as fontes do projeto petista de governo municipal.

### **Das Diretas-já ao Poder local**

Vamos retomar algumas ideias de Eder Saber sobre a questao do poder local-municipal. No ano que se seguiu a campanha das diretas-já, Eder Sader, em um Seminario de marco 1985 (Alternativas politicas para o municipio de SP), afirmava:

"Haverá eleicoes municipais este ano e vamos participar para valer. É porque temos estado junto a cada movimento popular em SP que sabemos que temos as condicoes para representarmos uma alternativa de verdade. COMO FORMULAR ESSA ALTERNATIVA É O DESAFIO QUE ENFRENTAMOS AGORA."

Nas eleicoes de 1985, o PT ganhou a prefeitura de Fortaleza. Já tinha vencido em Diadema, em 1982. Eram os primeiros passos na direcao de uma via estrategica para planejar as cidades no sentido da utopia socialista. Nas eleicoes seguintes, 1988, o PT daria um salto qualitativo: vencia em Porto Alegre, Vitoria, Angra, Santos, Diadema, e, sobretudo, em Sao Paulo. Em 1992, teriamos algumas baixas: Sao Paulo, Vitoria.

Contudo, ganhamos em Belo Horizonte, Goiania, Porto Alegre, Diadema, Santos, Sao Jose Campos, Ribeirao Preto, Cosmopolis, etc.

Nas ultimas eleicoes, 1996, entretanto, ocorre um retrocesso: derrotas profundas capitaneadas por Sao Paulo, Santos, Cosmopolis, Diadema, Ribeirao Preto, Sao Jose Campos, Londrina, Goiania, Belo Horizonte. Vencemos apenas em Porto Alegre e Belem. Isto apesar de uma grande votacao e de multiplicarmos as prefeituras petistas para um total de 115, mais 142 vice-prefeituras (coligacoes).

O resultado eleitoral significa um grande avanco das forcas conservadoras sob lideranca de Maluf. Por exemplo, no estado de SP, ganhou do partido governista em Campinas, ganhou do PT em Santos e, manteve-se na capital. Assim, montou o tripe paulista para disputar o projeto nacional em 1998.



No campo petista, só em POA mantivemos juntos dois aspectos importantes; vencer as eleições locais -pela terceira vez- e, construir uma nova hegemonia com características próprias da via ativa, da democracia participativa. As eleições de 96 significaram, portanto, um retrocesso na trajetória petista, se levarmos em conta o papel estratégico do poder local-municipal na construção de uma alternativa de hegemonia ao neoliberalismo. O paradoxo deste retrocesso está no papel cada vez maior das cidades nesta era de globalismo. Fomos no caminho inverso do acúmulo de forças.

Todavia, nas eleições de 2000, retomáramos o patamar quase perdido, sobretudo, com a vitória de Marta Suplicy em São Paulo.

A importância do papel das cidades aparece na fala de Celso Daniel, reeleito em 1996, para prefeitura de Santo André. Ele destaca alguns pontos estratégicos para gestão municipal:

1. participação popular; destaca a experiência de POA do orçamento participativo.
2. redefinição da relação entre público e privado
3. garantir a socialização das experiências inovadoras em políticas públicas espalhadas pelo Brasil.
4. Ação na esfera da produção econômica. políticas de desenvolvimento local com geração de empregos.
5. Estabelecemos um novo modelo de gestão pública

### **A Nação se refugia nas Cidades**

Neste contexto, como fica a questão posta por Eder Sader? Naquele Seminário, Eder apontava os aspectos principais de um possível poder popular local, articulando-o com transformações globais.

### **O Pós-Fordismo e a Flexibilidade tropical**

O mergulho na obra de Milton Santos nos aporta elementos importantes; torna-se mesmo uma referência obrigatória para o campo democrático-popular.

Vamos iniciar este mergulho com um texto conjuntural escrito por M. Santos após o primeiro turno das eleições municipais de 1996. O texto chama-se "Uma campanha sem cara".

M. Santos caracterizou o pleito como "a morte da política, com a perda cruel dessa rara oportunidade de debater problemas centrais do nosso tempo e de nossa cidade". assinala um retrocesso na democracia, pois, o essencial dos debates gira em torno de: séries estatísticas, construções materiais e promessas de consumo. Tudo desligado de um texto maior, onde o destino das coletividades seja seriamente considerado.

É a coisificação da política. As questões municipais são vistas apenas como problemas locais. Para Santos, o erro fundamental de todos foi considerar a nova definição do fenômeno urbano na era da globalização. Esta afeta todo o território nacional, sobretudo, quebrando os cimentos nacionais e comprometendo a ideia de nação e de solidariedade.

O fato, porém -é o que estamos, agora, efetivamente, assistindo-, é que a nação se refugia nas cidades...É o caso de SP. A globalização faz com que as cidades se tornem ainda mais nacionais, exigindo mais Estado para regular suas relações necessárias. Para Santos, a campanha política foi um exercício de despolitização, sob comando do "marketing".

Vejamos a visão de M. Santos sobre a globalização e seus efeitos sobre o fenômeno urbano. Santos parte da relação da ciência e da tecnologia com a reorganização do espaço habitado, para compreender a lógica espacial das sociedades contemporâneas. Atualmente, este espaço humano tem uma nova complexidade: maiores diferenciáveis e disparidades, na aparência, na estrutura oculta, no uso. Nas cidades, as formas novas, criadas para responder às necessidades renovadas, tornam-se mais exclusivas, mais rígidas materialmente e funcionalmente. Isto assinala uma diferença fundamental em relação às cidades da fase histórica passada.

Nos países subdesenvolvidos, as cidades tornam-se "cidades sem cidadãos", ou "ciudades sin rumbos" como diz J.L. Coraggio. Esta tendência tem um acento mais profundo e dinâmico com o globalismo e as políticas neoliberais.

Na época do modo de produção baseado na ciência, na tecnologia e na informação, "a cidade como um todo, teatro da existência de todos os seus moradores, superpõe-se essa nova cidade moderna seletiva, cidade técnico-científico-informacional...É nesse sentido que se pode dizer que a cidade plástica, herdeira dos primórdios da história metropolitana, sucede uma cidade rígida."

Milton aponta Brasília como a cidade mais moderna do país e, Salvador, a segunda. Brasília é toda rígida, cada pessoa ou coisa encontrando um lugar preciso e Salvador, como São Paulo ou Rio de Janeiro, é um híbrido da plasticidade do passado e da rigidez do presente.

Mas, a cidade como um todo resiste à difusão dessa racionalidade triunfante, através do meio ambiente construído, que é um retrato da diversidade das classes sociais, das diferenças de renda e dos modelos culturais. Aos espaços inteligentes e rápidos da cidade informatizada, opõe-se a maior parte da população onde os tempos são lentos, adaptado às infraestruturas incompletas ou herdadas do passado, os espaços opacos que, também, aparecem como zonas de resistência. É nestes espaços constituídos por formas não atualizadas que a economia não hegemônica e as classes sociais hegemônicas encontram as condições de sobrevivência".

Assim, as grandes cidades do terceiro Mundo são, por um lado, rígidas na sua vocação internacional e, por outro, são dotadas de flexibilidade, graças a um meio ambiente construído que permite a atuação de todos os tipos de capital, e, desse modo, admite a presença de todos os tipos de trabalho".

M. Santos lamenta que a prioridade atual das pesquisas e congressos e publicações concentram-se em temas como pós-fordismo, flexibilidade, enquanto "as realidades metropolitanas tomadas em conjunto são cada vez menos objeto de investigação".

Santos aborda a questão dos tempos sociais. Existe um tempo do mundo? Ubiquidade, aldeia global, instantaneidade são, para o homem comum, apenas uma fábula. Para o homem comum, o Mundo, mundo concreto, imediato, é a Cidade, sobretudo a Metrópole. nessas condições, será a Cidade uma Nação?

"A cidade é o lugar em que o Mundo se move mais: e os homens também. A co-presença ensina aos homens a diferença. Por isso, a cidade é o lugar da educação e da reeducação". Na cidade, hoje, as áreas luminosas, constituídas ao sabor da modernidade, se contrapõem ao resto da cidade, onde vivem os pobres, nas zonas urbanas "opacas". estas são os espaços do aproximativo e não (como as zonas luminosas) espaços da exatidão, são espaços inorgânicos abertos e não espaços racionalizados e racionalizadores, são espaços da lentidão e não da vertigem."

Milton Santos trabalha com a categoria sartriana do "PRÁTICO-INERTE". Este é o resultado de totalizações do passado; cada lugar acolhe, através da História, seu prático-inerte local. A chegada contínua de migrantes à cidade aumenta a variedade dos sujeitos... O conteúdo prático-inerte trazido por cada qual é diverso do ambiente prático-inerte local. A temporalidade que traz o migrante se contrapõe à temporalidade do local onde ele chega. Segue Santos "Para os migrantes e para os pobres de um modo geral, o espaço "inorgânico" é um aliado da ação, a começar pela ação de pensar, enquanto a classe média e os ricos são envolvidos pelas próprias teias que, para seu conforto, ajudaram a tecer: as teias de uma racionalidade invasora de todos os arcanos da vida. nestes entido, os espaços luminosos da metrópole é que são, de fato, espaços opacos".

Para Milton Santos, ainda nos falta aperfeiçoar uma "metodologia adequada" para uma nova leitura destas cidades informacionais.

"Plantar Cidades": Hegemonia ou maracangalha ?

"Época que quer ser de síntese, o nosso fim de século será cada vez mais construtor de cidades e de regiões"  
(M. Pedrosa)

Podemos afirmar que Mario Pedrosa foi um dos pioneiros nos estudos sobre o urbano no Brasil. A cidade como síntese das artes foi motivo de preocupação estética e política de Pedrosa. Sobretudo a futura capital do país: Brasília. De certa forma, seu empenho por Brasília teve o significado da busca de uma reconstrução de todo o país. O fracasso em construir uma nova hegemonia no país, simbolizada em Brasília, significou a implantação de uma ditadura militar.

Talvez, este seja o legado principal da luta de Mario Pedrosa pela fundação da Nova Capital: hoje, na era do globalismo, as cidades assumem um espaço estratégico na reconstrução do País. Como diz Milton Santos, "a Nação busca refúgio nas Cidades". É o espaço estratégico de construção de um projeto alternativo nacional-cultural.

Em seus ensaios chamados de "Espacos de Brasilia", Mario Pedrosa nos legou analises importantes sobre urbanismo. Pedrosa clamava, entao, que "A construcao das cidades está, novamente, como na Idade Media, em ordem do dia". A construcao da "Cidade Nova" era vista por Ele como "uma obra de arte tanto quanto os grandes projetos industriais da engenharia civil da nossa civilizacao". O "empreendimento abrange uma totalidade social, cultural e artistica". tende a "mais alta e mais universal aspiracao artistica e estetica do nosso tempo: a sintese das artes". Esta inspiracao a sintese coincide com a necessidade da reconstrucao do mundo que se reclama por toda parte". No Brasil, comecemos com uma tentativa de reconstrucao regional. Esta sintese, de alto valor etico, consiste em "dar novamente as artes um papel social e cultural de primeira plana nesta tarefa de reconstrucao regional e internacional pela qual o mundo está passando ou passará".

Para Pedrosa, o Brasil é um pais que comecou por plantar cidades. A ideia de Brasilia nao caiu do ceu pois faz parte de certa tradicao historica, desde os comecos deste pais". Uns jovens brasileiros natos que foram estudar na Europa pelos fins do seculo XVIII foram os primeiros a pensar na independencia nacional. Uma de suas primeiras ideias era a de fundar uma capital no interior do pais". Esta ideia foi parar na primeira Constituicao republicana (1891).

O Brasil é um pais caracterizado por ser construido, do zero. Tem ate' certidao de batismo: 22 de abril de 1500. Quando Cabral passou por aqui nao encontrou nenhum pais com esse nome; era só terra virgem, com selvagens nomades a perambular de um lugar para outro".

Assim, comecemos por plantar cidades: primeiro Salvador. Para Mario, "Um pais que comecou assim pelas cidades, pelas comunidades urbanas, nao é um pais que tenha nascido naturalmente. o Brasil nao pode ser um pais conservador... Aqui, o homem intervem e decide conscientemente...". Entretanto, Pedrosa falaria da diferenca entre a proposta de Lucio Costa e a Brasilia de JK.

A construcao de cidades pode ocorrer a partir de povos surgidos artificialmente, filhos de uma civilizacao oasis: o Egito dos farás, uma colonia sobre base artificial". Para Pedrosa, a America nao era oasis entre desertos, era simplesmente nova: lugar onde tudo podia comecar do comeco.

Contudo, no Brasil, formamos na colonia uma serie de nucleos de povoamento inevitavelmente isolados uns dos outros. Em varios pontos do pais, a fase desses oasis "historicos" foi vencida. A ideia de criar uma nova capital é precisamente porque o Brasil já superou a fase colonial dos oasis.

Mas como? "Pelo velho processo das "tomadas de posse" da terra quase simbolicas, pelas implantacoes macicas de civilizacoes e a dominacao mecanica de um solo despovoado, solitario, por uma tecnica importada. Quer-se, entao, fundar uma Capital ou plantar novo oasis? Brasilia participa ainda da concepcao civilizacao-oasis".

Pedrosa pergunta se tal empreendimento nao significa recomencar a fase de oasis? Nao é paradoxal destinar-se tal "colonia" de fabricacao ultramoderna, a ser a cabeca dirigente do pais, a sede de seu governo? Intalar-se-a assim o centro politico - administrativo do Brasil de novo num oasis, isto é, numa colonia de ocupacao afastada das areas onde se

desenvolve o processo vital de crescente identificacao entre sua historia "natural" e sua historia cultural e politica".

Pedrosa intuia a reacao militar que viria nos anos 60: "fatalmente isolado do povo brasileiro, o seu governo desconhecerá, nao participará senao de fora do drama de seu crescimento, do amadurecimento de sua cultura, da formacao da sua personalidade. Brasilia seria uma especie de casamata impermeavel aos ruidos externos, aos choques de opiniao, como um estado-maior que se abrigasse em cavernas subterraneas blindadas...".

Mario assinala os elementos de anti-hegemonia presentes: "esses vicios sao o centralismo burocratico... e a onipotencia administrativa... o centralismo de uma nova burocracia tecnocratica...". Mario denuncia a "leviandade caracteristica dos atuais dirigentes brasileiros, que fazem com que a formacao da nova Capital ainda tenha de ser concebida nos limites da fase colonial... isto é como uma "simples tomada de posse" da terra". Pedrosa reivindica a mentalidade revolucionaria dos utopistas. "O que criou Brasilia nao foi o "desejo tenaz do lucro", mas sim uma velha ideia, politica, incrustada atraves das geracoes... O espirito que sopra sobre Brasilia poderia ser um eco do antigo espirito mercantilista do rei colonizador, mas, na sua realidade profunda, embora nao ainda inteiramente explicitada, a forca motriz é o espirito de utopia, o espirito do plano, em suma, o espirito de nossa epoca".

Se Brasilia será um oasis no interior do pais, sua construcao se faz num ambiente nacional vivo e contraditorio, angustiado pelos graves problemas que se amontoam no pais e incerto ao futuro. "A revolucao que Brasilia implicaria, ou deveria simbolizar, terá de criar raizes, descer as infra-estruturas sociais, para surgir aos olhos do povo e das elites como obra sua ( e nao capricho do presidente), obra coletiva, capaz de representar, amanha, um tournant na historia politica, social e cultural do Brasil".

Portanto, para Mario Pedrosa "Brasilia é muito mais que urbanismo, é uma hipotese de reconstrucao de todo um pais".

Democracia participativa ou tutela militar?

Entretanto, os fatos nao caminharam segundo as ideias de Pedrosa. Se "O projeto primitivo previa, em compensacao a ausencia de representacao politica municipal e autonomia administrativa, um ensaio de representacao comunal nos bairros residenciais... É necessario estimular, ao maximo, o espirito de iniciativa de seus habitantes, interessando-os na solucao dos problemas que os rodeiam. Quem vai dar alma a atual forma sem vida que é Brasilia serao, nao os burocratas nos ministerios nem os politicos no Congresso ou na Praca dos Tres poderes, mas o s seus moradores, importantes ou modestos, e os que irao trabalhar e viver nos seus arredores e nas terras adjacentes".

Pedrosa afirmava que "na utopia Brasilia nao há lugar para forcas e armas militares tradicionais. A nao ser que essas tropas nao se destinassem a defende-la contra inimigos externos, mas, em certos momentos reputados oportunos, a passar seus tanks, a moda tao nossa conhecida, pelo eixo central da cidade, a fim de fazer efeito sobre os proprios habitantes...".

"Nas condicoes atuais do Pais, se Brasilia parar, as instituicoes democraticas tambem pararao. O naufragio de Brasilia, depois de tanto esforco, de tantos recursos empenhados, de tanto dinheiro gasto, nao se limitará ao simples abandono de suas obras. Com o reconhecimento de sua liquidacao, virá tambem a liquidacao da atual administracao publica (que nao poderia, alias, ser pior) e com esta ainda, a do proprio governo do Sr. Juscelino. Tal liquidacao acarretará, inevitavelmente terrivel drama politico. Pare Brasilia, e uma ditadura militar se implantará no Pais".

O ISEB, nesta epoca, realizou um Ciclo de 8 Conferencias sobre o tema geral "BRASILIA E O DESENVOLVIMENTO NACIONAL". A ultima coube ao ideologo principal do "nacional-desenvolvimentismo", Roland CORBISIER. Vejamos algumas ideias do ISEB, associando a construcao da capital a questao do projeto nacional de desenvolvimento.

Corbisier analisa que "a funcao que Brasilia deverá desempenhar no processo do desenvolvimento nacional". Exigencia do processo de industrializacao e de desenvolvimento, o processo de integracao economica coincide, no caso brasileiro, com a revolucão democratico-burguesa, ao longo da qual o que se constitui e se cria é a propria nacão". A tarefa revolucionaria, de emancipacao economica e cultural, cabe ao Estado brasileiro, ao Poder Publico. O Novo Estado brasileiro é o principal agente ou protagonista do desenvolvimento nacional. Assim, Brasilia não estaria sendo construída por uma classe (aristocracia rural, burguesia mercadora, capitalismo urbano), como teria ocorrido com as cidades brasileiras, mas o proprio Estado brasileiro.

Para Corbisier, o Governo Federal localizado no Rio de Janeiro, é inevitavelmente envolvido pelos problemas locais, que assumem proporcoes nacionais. "Confunde-se assim, frequentemente a perspectiva municipal com a perspectiva nacional". Do ponto de vista institucional, Brasilia promoverá a coincidência entre o espaco nacional e o poder nacional.

Do ponto de vista cultural, como simbolo e expressao do advento de uma nova cultura brasileira, que significa Brasilia ?

Para Corbisier, a grande cidade, quando desempenha a funcao de capital, é realmente o centro em que se condensa a consciencia, a vontade e a energia criadora de um povo. "A edificacao de Brasilia ocorre no momento preciso em que se verifica o despertar da consciencia nacional". A edificacao da Capital atesta a capacidade de criar a instancia pedagogica suprema, a cidade que não apenas contenha obras de arte, mas seja, ela propria, uma obra de arte. O que nos parece da maior significacao e importancia é a concepcao e a realizacao de Brasilia como obra de arte, como expressao autentica da nova cultura brasileira.

### **A dialética do "não-contemporâneo"**

O filosofo alemão Ernst Bloch falava sobre a "dialética dos desniveis espaciais e temporais". Dizia que "Todos vivem no mesmo tempo cronológico e na superfície do

mesmo planeta.mas o tempo e o espaco nao sao homogeneos,iguais para todos.Diversos tempos historicos se condensam e se interrelacionam a cada ano e nós somos dispersos,distribuidos nestes espacos/tempos diferentes".

Bloch chamava esta dialetica de "Nao-Contemporaneidade"( ungleichzeitigkeit),isto é,"desenvolvimento nao-sincronico".A partir desta analise,Bloch propunha uma "dialetica revolucionaria com varios fragmentos e muitos ritmos,ou musicalmente,uma dialetica poliritmica,um contraponto de tempos diversos".Seu objetivo era o combate a concepcao triunfalista,linear e indiferenciada do progresso,dominante na social-democracia .

Essa visao da dialetica polifonica para responder ao desenvolvimento nao-sincronico,é fundamental quando se trata da pedagogia politica.Em um trabalho sobre "Socrates e a Propaganda",Ernst Bloch critica o "intelectualismo" da propaganda do Partido Comunista alemao.essa propaganda tinha como principio pedagogico a afirmacao de que "basta que a verdade seja dita para ganhar as massas".Nao tinha em conta os desniveis da realidade.A pedagogia politica que estabelece a equacao consciencia=virtude,compreensao intelectual=acao,erra em dois pontos: primeiro,todo processo de compreensao implica trabalhar os elementos emocionais e alogicos da consciencia;levar em conta a "fantasia do intelecto".Segundo,nao se deve operar uma racionalidade unica e vertical,que se afirma pela mera evidencia de sua superioridade;e'necessario penetrar com meios especificos na mentalidade e na consciencia de quem se quer persuadir;sintonizrs-se com a faixa de frequencia do recpetor para leva-lo ao plano da contemporaneidade.

As camadas anacronicas nao se pode falar a linguagem da contemporaneidade: a nao-contemporaneidade faz com que a relacao ser-consciencia nao seja direta,adequada,mecanicamente pontual.

Mario Pedrosa chegou a dialetica do "nao-contemporaneo"atraves dos estudos sobre a cultura brasileira.

Em "Contemporaneidade dos artistas brasileiros na Bahia",analizando a Bienal da Bahia,diz-nos o critico:

"O Brasil artistico cultural tende,com efeito,a ser cada vez menos um mosaico de regi\_es para ser um todo cultural,um complexo nacional vivo em formacao.Tera' sido o CINEMA NOVO o acelerador dessa integracao de sensibilidade e modos de ver da imagistica atraves de VIDAS SECAS,DEUS E O DIABO,PORTO DAS CAIXAS,O PADRE E A MOCA,e outros filmes dos mesmos e de outros diretores do Norte ao Sul do pais,alcancando seu desenlace emocional unitario no canto epico de VIDA E MORTE SEVERINA ? Lembrome ainda da estranheza com que VIDAS SECAS foi recebido por grande parte do publico paulistano...A paisagem fisica e mesmo espiritual do interior,sobretudo do Nordeste,era talvez pobre demais,primaria,rala demais para interessar a primeira vista um publico estranho.Eis porem,que nao so' o Brasil mas,parece,o mundo amanheceu para o Nordeste.O Brasil apareceu unido nacional,moral,espiritual,emocionalmente pela mediacao da imagem na sensibilidade continentalbrasileira.Antes o Norte era,sobretudo,o aparentemente feliz pitoresco baiano ou afro-brasileiro.Mesmo a musica ppular nordestina,a despeito do coco,do baião,da embolada,apesar dos esforcos de um Gallet,de um Mario de Andrade,um

Guarnieri e tantos outros, não passava nunca de mero acessório do samba, da marchinha, de elenco carnavalesco carioca".

Pedrosa capta a importância fundamental do Cinema Novo na cultura brasileira. Nas palavras de Paulo Emilio: "O cinema novo é parte de uma corrente mais larga e profunda que se exprime igualmente através da música, do teatro, das ciências sociais e da literatura. Essa corrente - composta de espíritos chegados a uma luminosa maturidade e enriquecida pela explosão ininterrupta de jovens talentos - foi por sua vez a expressão cultural mais requintada de um amplíssimo fenômeno histórico nacional".

Analisando a obra de Cicero Dias, Brenand, Ruben Valentim, João Camara, entre outros, Mario capta a "não-contemporaneidade" na dialética da cultura brasileira: "Deduz-se de tudo o que é primitivo ou elementar também pode ser contemporâneo.

Contemporâneo e primitivo-brasileiro. O mundo planetário aberto dos astronautas e o mundo imenso dos subdesenvolvidos do hemisfério sul são contemporâneos e contraditórios, como o Brasil por sua vez em face do mundo. O Brasil é ao mesmo tempo um anacronismo e uma promessa. Para certos de seus artistas, a tarefa contemporânea consiste em expressar esse anacronismo, como se se tratasse de uma operação de catarse, para a seguir subsumi-lo ao universal. Outros porém, partindo do universal contemporâneo implícito na promessa aceitam, já agora, no seu trabalho criativo, o condicionamento de amanhã e não o condicionamento de ontem".

E, "A distância de pontos de partida entre um Francisco Brenand e mesmo um Ruben Valentim e Ligia Clark ou Helio Oiticica é grande. Mas que há entre eles de comum além do fato cultural e moral de serem brasileiros? A autenticidade de uma vivência pessoal por que responde a própria obra? Antes a responsabilidade por uma ideia ou uma atitude que, se se mantém, se desenvolve e os caracteriza através do trabalho criativo, não veio e fora, por acaso ou por moda, mas brotou neles do complexo socio-econômico-cultural-moral-artístico, onde se situam, onde vivem, trabalham, Recife ou Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasil... e inevitavelmente o planeta".

Pedrosa iniciou este texto sobre a Bienal da Bahia, afirmando: "é axiomático que toda arte, para ser viva, tem de corresponder a seu tempo, ser contemporânea. Mas no conceito de contemporaneidade está o busilis. Todo tempo responde a seu espaço histórico, seja em projeção para o passado, seja em perspectiva para o futuro. Já tive ocasião de apresentar como o único salão coletivo de perfeita contemporaneidade, o Salão do Automóvel. O anual de Paris, por exemplo. Nele a contemporaneidade coincide em todos os produtos, numa aproximação de ano, senão de meses... A produção artística não pode, ou não poderá nunca, talvez (afirmação arriscada de fundo romântico), competir nesse plano com o automóvel ou qualquer objeto de uso de massa da importância daquele... um avião portátil, quem sabe?"

Vimos que Ernst Bloch propõe uma "dialética revolucionária com vários fragmentos e muitos ritmos, ou musicalmente, uma dialética "polirítmica", um "contraponto de tempos diversos".

Trata-se de uma dialética militante, combatendo a concepção triunfalista, linear e indiferenciada do progresso. Contra a aporia do conceito de progresso em uma visão



mecânica da relação estrutura-superestrutura. Trata-se, também, de uma dialética não triunfante, exposta ao risco, a aposta, uma dialética não meramente cumulativa e automática, tornando possível um avançar não retilíneo e uma multiplicidade não somente do espaço mas também do tempo.

O conceito blochiano de "não-contemporaneidade" tem uma longa história nas ciências sociais. E. Bloch foi discípulo de Georg Simmel, tido atualmente como o primeiro crítico da modernidade, de quem certamente assimilou os aspectos desta crítica.

O termo "não-contemporâneo" aparece em Bloch pela primeira vez na resenha de "História e Consciência de classe" de Lukács, em 1924; aqui uma incidência teórica maior em "Herança do Nosso tempo, de 1935: chave teórica para interpretação do marxismo e da estrutura de classes da Alemanha". Com este conceito, Bloch combatia o de "atraso", dominante no marxismo da época, para explicar a ausência de uma revolução na Alemanha. Esta ideia de "atraso" supunha um desenvolvimento linear da história e do progresso. Bloch assinalava o caráter desigual do desenvolvimento e a não-correspondência mecânica e imediata entre estrutura econômica e os vários segmentos da superestrutura.

A solução teórica que Bloch propõe para explicar globalmente seja os desníveis temporais entre as classes, seja a possível estratégia de avanço até uma nova civilização e "uma dialética revolucionária com vários estratos ou, na linguagem musical, uma polirrítmica e um contraponto de tempos diversos. Para preencher a distância entre passado e futuro, Bloch sugere duas estratégias complementares, uma política e uma teórica: politicamente, uma aliança a 3: proletariado, camponeses pobres e a pequena burguesia, igualmente empobrecida, "sob a hegemonia proletária" (*unter proletarischer hegemonie*).

Em 1955, com "Diferenças no Conceito de Progresso", Bloch retoma, em forma militante, sua reflexão sobre os temas da história, do tempo e do progresso. Na década de 50, tínhamos o processo de "desestalinização", em seguida a insurreição dos trabalhadores em Berlim (1953), a morte de Stalin (1953), o XX Congresso do PCUS e a revolução dos conselhos operários na Hungria e na Polónia, em 1956.

Ernst Bloch promoveu, em março de 1956, uma Conferência Internacional sobre "O Problema da Liberdade à luz do Socialismo Científico", com participação de Garaudy, H. Lefebvre, L. Kolakowsky, Agnes Heller. Em maio, escreve um texto intitulado "Sobre o significado do XX Congresso do partido", declarando-se favorável a um socialismo plural.

É neste contexto que se desenvolve o pensamento de Bloch. Em "Progresso do conceito de Imperialismo", combate a concepção triunfalista, linear e indiferenciada do progresso; retoma e amplia, portanto, um dos temas centrais de "Herança de Nosso Tempo": o da dialética não triunfalista, exposta ao risco, uma dialética com vários estratos, não apenas cumulativa e automática.

As contribuições de Santos, Pedrosa e Bloch mostram que a construção de uma hegemonia cultural alternativa, a nível das cidades e como base de um projeto nacional-cultural, não pode ocorrer sem ter em conta a dialética do não-contemporâneo. A pedagogia

politica diz respeito,sobretudo,a uma revolucao cultural e,nao apenas a politica de marketing .As eleicoes municipais de 1996 deixam ver claramente estas questoes.

Para fechar este texto, voltemos,enfim,as ideias de Eder Sader.

Como formular a alternativa de poder popular no ambito municipal?

1. Para Eder,o fundamental é uma "politica onde as solucoes materiais venham vinculadas a mobilizacao e participacao direta da populacao".
2. A elaboracao de alternativas politicas para o municipio tem que levar em conta um objetivo central: a capacitacao das classes populares para o exercicio do poder...as lutas no ambito local vao alterando as relacoes de poder da sociedade.Neste sentido,no ambito municipal,pretendemos criar bases de poder popular.

Nosso objetivo é uma alteracao completa da organizacao do poder na sociedade,o que implica uma transformacao revolucionaria.Mas para isso é necessario que os dominados de hoje construam seu poder,que se forma no correr de cada luta.E é por isso que o exercicio do poder no ambito local constitui uma base para transformacoes mais globais.

- 3.Nenhum petista diria que a questao se resume a ocupacao da prefeitura...a ocupacao de uma prefeitura seja feita junto a constituicao de organizacoes populares de fora do aparelho de estado,que possam controla-lo,fiscaliza-lo e tomar iniciativas proprias.

Nos já definimos uma proposta neste sentido,configurada na formacao de conselhos populares,enquanto modo de controle da administracao.

Sao formas de organizacao pela base que devem discutir,controlar,intervir e fiscalizar as politicas da prefeitura. Esta proposta nao surgiu pronta de nossas cabecas,mas foi resultado de reflexoes em cima de experiencias concretas como o Conselho popular de Osasco,da assembleia do Povo de Campinas,os Conselhos de Saude da Zona Leste.

Por isso mesmo ela nao deve ser tratada como um "chavao"...Ela é uma referencia que,para ser aplicada em cada circunstancia,exige sempre uma recriacao levando em conta as condicoes locais....O fundamental é o estimulo as praticas pelas quais diferentes camadas populares vao aprendendo,na propria luta,a criarem seu poder.  
(...) É necessario que,paralelamente,impulsionemos mecanismos de democratizacao da propria Administracao Municipal...

- 4.As experiencias dos movimentos populares têm mostrado como o exercicio do poder está indissolivelmente ligado a propria luta.As formas de organizacao só sao importantes na medida em que constituem instrumentos de lutas concretas...O fundamental é impulsionar mecanismos que tornem publicos os conhecimentos sobre as possibilidades de alteracao dos servicos municipais e estimulem a populacao a controla-los.

É dentro desta politica global que a conquista de uma prefeitura pode ser um instrumento poderoso de organizacao e capacitacao popular.

5. Dentro dessa visao o exercicio do poder popular é inseparavel das questoes concretas que interessam a populacao. nao dá para pensarmos em organizacoes de poder popular que nao sejam em cima dos movimentos populares... Nós nao podemos separar duas coisas: de um lado algum plano para "melhorar a situacao do povo", de outro propostas de organizacao popular.

- a partir da obra de Maurizio Passerin D'Entreves: "The Political Philosophy of Hanna Arendt".

São Paulo, agosto 1997

---